

FACULDADE DE CIÊNCIAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS, RS: ENSINO SUPERIOR E ALTERAÇÕES DO COTIDIANO DA CIDADE DO RIO GRANDE

Patrícia Weiduschadt

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil.

E-mail: <prweidus@gmail.com>.

Ademir Cavalheiro Caetano

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil.

E-mail: <ademir29@hotmail.com>.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo estudar aspectos históricos da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio Grande (RS) no recorte temporal de 1959 a 1969. Abordaremos a forma como foi instituída, construída e as contribuições que deu ao município no período que a economia local vivia em dificuldades. Apresentamos uma breve contextualização e com aporte em Pesavento (2007), abordaremos as alterações ocorridas na planta urbana da cidade e no “sensível” com a chegada das faculdades nesta cidade marítima. Especificamente enfocaremos os detalhes das primeiras instalações, o quadro de docentes, servidores e discentes, a forma de ingresso e de conclusão de curso. Ainda será tratada as particularidades da luta travada pela conquista do reconhecimento do curso, os elementos que constituíram a cultura escolar na instituição, seus valores, suas práticas e a forma como inculcavam comportamentos. Podemos compreender a contribuição da instituição para o desenvolvimento local, atendendo assim uma das finalidades para as quais foi criada. Reforçamos que a instituição teve importância para o município e conseguiu se fortalecer através do apoio das lideranças locais, representadas por indivíduos que podem ser considerados “tipo ideal empreendedor” que conseguiram se articular à esfera nacional confluindo para a fundação da FURG.

Palavras-chave: História da educação. Ensino superior. Cultura escolar. Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas.

1 INTRODUÇÃO

A realidade do município de Rio Grande (RS), na segunda metade do século XX, revelava a carência total de escolas de nível superior. Propiciava-se, então, a evasão de significativo número de estudantes, que se dirigiam a outros centros em busca de continuidade para seus estudos. Essa força jovem, concluídos os cursos, por vezes retornava à cidade de origem para participar do processo histórico, cultural e socioeconômico da cidade. A consciência de tal realidade, aliada ao propósito

de modificá-la, resultou em um movimento cultural liderado pelo engenheiro Cícero Marques Vassão, cuja finalidade precípua era a criação dos primeiros cursos de ensino superior em Rio Grande.

No que se refere ao referencial teórico metodológico, buscamos suporte em Werle (2005) para relatar sobre a instituição educacional, obras de Frago (1995) e Julia (1995) para tratar da cultura escolar, Weber (2001) e Martins (2008) para apoiar-nos quanto ao espírito empreendedor e Meihy (2007) e Portelli (1997) em relação à metodologia para os aspectos da história oral.

A partir de pesquisas realizadas junto ao Arquivo Geral da Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e ao Núcleo de Memória Francisco Martins Bastos (NUME), inicialmente contextualizamos onde estava inserida a Faculdade para depois detalhar como ocorreram as transformações no cenário urbano e de que modo a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio Grande (FCPE) contribuiu para alterar o cotidiano da cidade. Por fim, apresentamos as análises e considerações finais com dados qualitativos que nos permitem compreender como a instituição contribuiu para a alteração da rotina do município do Rio Grande.

A pesquisa está inserida no campo da História da Educação e faz parte de um recorte da dissertação de mestrado de Caetano (2016).

2 A TRANSFORMAÇÃO DO CENÁRIO URBANO

Inicialmente, apresentamos como a FCPE participou do processo que começou a modificar a realidade urbano do município. Rio Grande era o nome genérico, segundo o IBGE¹, dado às águas que correm desde o estuário do Lago Guaíba até o Oceano Atlântico, através da Lagoa dos Patos. Situado na porção meridional da planície costeira, atualmente é um município urbano industrial, possuindo uma área de 2.814 km².

Rio Grande, desde os anos finais do século XIX, viveu a expansão de seu parque fabril e sempre esteve entre as três cidades mais industrializadas do Estado. No entanto, após o período de beligerância da Segunda Guerra Mundial, a cidade começou a viver um período de desaceleração econômica, como enfoca Martins (2008, p. 28):

Em âmbito nacional, devido à competição desvantajosa com São Paulo, pois os produtos rio-grandinos teriam que percorrer grande distância; em âmbito internacional, graças a influência das grandes guerras, que trouxe uma euforia na expansão produtiva da cidade, voltada para esse mercado, e uma queda acentuada após o período beligerante.

Em função da posição geográfica, instalou-se um complexo portuário² industrial, com

- 1 Disponível em: <idades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431560>. Acesso em: 24 abr. 2014.
- 2 O início da construção do Porto Velho do Rio Grande data de 1869 e sua inauguração aconteceu

destaque para o polo pesqueiro, de fertilizantes e, recentemente o naval (CATÁLOGO GERAL 2013, 2014).

Nas décadas de 1950 e 1960, ainda segundo Martins (2008, p. 28), “houve o fechamento de boa parte do parque produtivo, ocasionando o desemprego de milhares de operários”. Em meio às dificuldades econômicas pelas quais passava o município, as lideranças locais buscaram a criação de cursos superiores na cidade, na tentativa de reverter o quadro de crise que se fazia sentir na comunidade.

Neste contexto, a possibilidade da formação de uma instituição superior no município atendia a um ideário do espírito capitalista das autoridades e personalidades locais. A presença de uma instituição de ensino superior poderia aumentar as possibilidades de progresso no local, ainda mais, atreladas a outras formações de instituição superior, como a Faculdade de Engenharia, de Medicina e de Direito. A presença dessas faculdades na realidade do município de Rio Grande favoreceria a compra de locais e terrenos num investimento econômico, atrelado ao investimento intelectual de uma elite preocupada em formar quadros de atuação nessa realidade.

Cumprida a exigência legal de instituir a entidade mantenedora, foi possível criar a Escola de Engenharia, que resultou de um ato de empreendedorismo de forças motivadoras da expansão no desenvolvimento do espírito do capitalismo (WEBER, 2001). Empreendidas à consecução dos seus objetivos, essas pessoas estavam imbuídas do espírito do capitalismo, mas como não dispunham de recursos suficientes para implantação da instituição de ensino superior e, sem o aporte de capital governamental, foi um empreendimento típico da iniciativa privada, caracterizando o modelo econômico capitalístico, ou seja, um empreendimento nascido pela livre iniciativa dos cidadãos interessados. Segundo Weber (2001, p. 54):

estar envolvido pelo espírito do capitalismo, não significa possuir capital para empreender, mas tomar a iniciativa para criar, desenvolvendo o espírito do capitalismo, pois onde ele aparece é

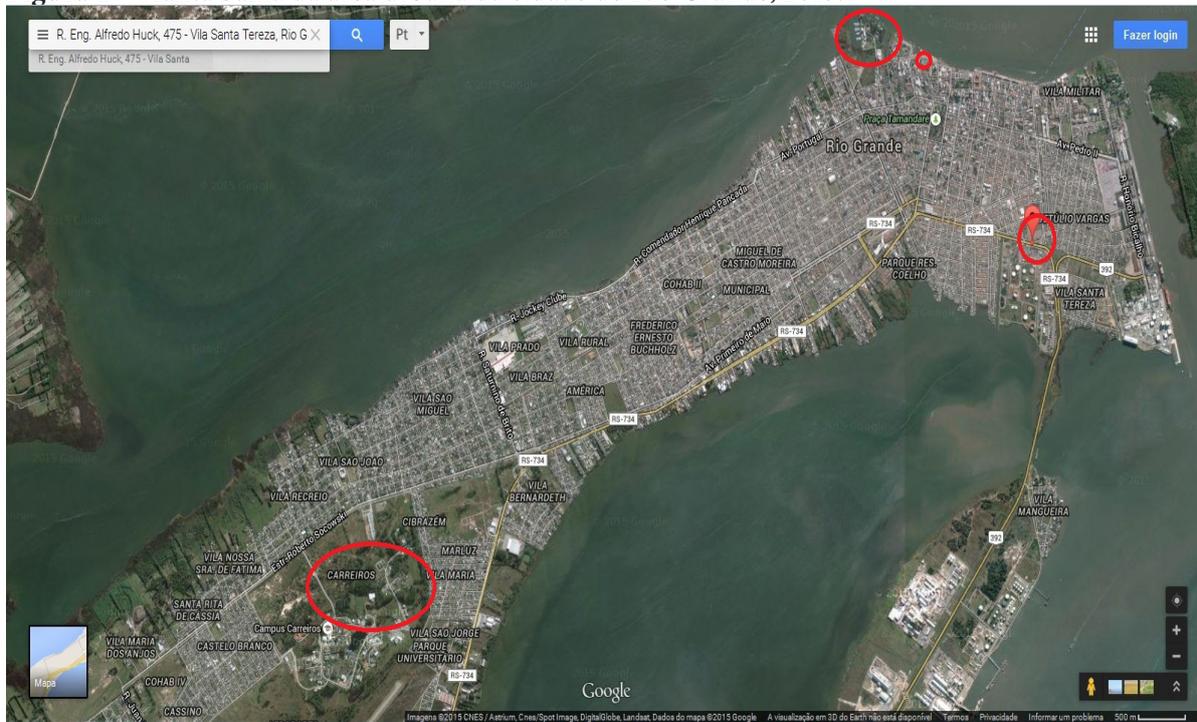
em 11/10/1872. Em 02/06/1910, começou a implantação do Porto Novo, que entrou em operação em 15/11/1915, com a entrega ao tráfego dos primeiros 500m de cais. Compreendem três áreas distintas de atendimento à navegação, denominadas: Porto Velho, Porto Novo, Superporto e uma área de expansão portuária localizada na margem esquerda do canal do norte denominada de São José do Norte. Fonte: <www.antaq.gov.br/portal/pdf/Portos/2012/riogrande.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2016.

capaz de se desenvolver, ele produz seu próprio capital e seu suprimento monetário como meios para seus fins.

Com o nascimento da Escola de Engenharia Industrial surgiram as primeiras transformações na planta urbana da cidade. Para evidenciar es-

sas transformações, e outras que se seguiram à implantação de outros cursos superiores, mostramos, na Figura 1, a planta da área urbana da cidade com os assinalamentos das primeiras alterações no visual citadino, provocados pela chegada das instituições de ensino superior.

Figura 1 – Planta baixa da área urbana da cidade do Rio Grande, 2015.



Fonte: Google Maps, 2015.

Os locais circulados em vermelho identificam os prédios construídos para abrigar as instituições de ensino superior na cidade³. Pelo que se pode observar foi significativa a área transformada. No seu entorno, comerciantes, prestadores de serviços, entre outros, também usufruíram dos investimentos na área educacional que foram incorporados ao visível da urbe.

Em 28/12/1960, foi inaugurado o edifício-sede com dois pavimentos para abrigar as instalações da Escola de Engenharia, onde se instalaram os órgãos administrativos, didáticos e de pesquisa, a primeira grande transformação na planta urbana da cidade. Referindo-nos às alterações na planta urbana da cidade e como disse Pesavento (2007) “é preciso destacar a evolução que se pode observar com a aplicação desses recursos”. O local onde se instalou a Escola de Engenharia, depois de algum tempo passou a abrigar outras

unidades acadêmicas que ali também tiveram suas sedes. Assim, “foram retraçadas a evolução no visual da paisagem urbana com a criação dos primeiros cursos superiores em Rio Grande” (PESAVENTO, 2007).

No entanto, a transformação ocorrida não se limitou apenas à paisagem urbana, com o aproveitamento de alguns prédios e construção de outros, mas também deve-se destacar as representações que estes fatos sugerem. As instituições, obviamente, existiram porque pessoas estavam a elas vinculadas, seus instituidores, seus diretores, quadro funcional, acadêmicos e demais envolvidos no funcionamento das faculdades. E isto fez a diferença no cotidiano da cidade de Rio Grande, pois a cidade é também sociabilidade, e como diz Pesavento (2007), “ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos”. Para que isto acontecesse, novamente buscamos em Martins (2008,), “a ideia de ação que é inerente ao conceito de empreen-

³ Escola de Engenharia Industrial, Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, Faculdade Católica de Filosofia, Faculdade de Direito e Faculdade de Medicina.

dedor e das ações desenvolvidas pelas lideranças locais”, que propiciaram as transformações tanto no visível quanto no invisível da cidade. Complementando, lideranças, para Weber (2001), “são as pessoas consideradas – burguesas - no sentido es- tamental, gente de posição e cultura, isto, obvia- mente pelos que nela não estão incluídos”.

As alterações no cotidiano, por meio das instituições educativas de ensino superior, in- fluenciaram movimentações formando uma cul- tura escolar, que segundo Julia (1995) “não são apenas aprendizagem de saberes, mas comporta- mentos e práticas vivenciadas durante o convívio na comunidade acadêmica”. Pelas notícias⁴ publi- cadas à época do recorte temporal estudado, os discentes souberam espargir sobre a sociedade uma nova forma de cultura transmitida à cole- tividade rio-grandina, que envolvia a celebração e o conagraçamento nas conquistas acadêmicas e culturais. Com base no que diz Frago (1995), “cultura escolar é o conjunto de aspectos institu- cionalizados, incluindo entre outros, as práticas e as condutas”, o que vemos aqui são práticas que começaram a se fazer presentes em Rio Grande, como a passeata dos “bichos”, eventos artísticos musicais, as solenidades de formaturas e os bailes promovidos pelos estudantes.

A passeata dos “bichos” tornou-se tradicio- nal, pois era um grande acontecimento na cida- de que envolvia os universitários, consistindo de uma caminhada pela cidade, ornamentados com adereços característicos da vida estudantil.

Como vimos, a FCPE e as outras instituições de ensino superior provocaram significativa alte- ração no cenário urbano da cidade riograndina.

3 A FACULDADE DE CIÊNCIAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS DO RIO GRANDE

Após a abordar as transformações provoca- das pelas instituições de ensino superior no muni- cípio de Rio Grande, o foco se volta para a atuação da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas (FCPE), que muito contribuiu na alteração do co- tidiano municipal.

Nos últimos anos da década de 40, os eco- nomistas da cidade de Rio Grande reuniam-se periodicamente para tratar assuntos da área eco- nômica, conforme cartas convite encontradas em- 4 *Jornal Rio Grande*, edição de 20/12/1960.

tre os documentos da FCPE existentes no Arqui- vo Geral da FURG e, em muitas oportunidades, eram convidados professores, principalmente do curso de Economia existente em Pelotas, para palestrar durante esses eventos, evidenciando a capacidade de organização desses profissionais naquela época.

Conforme Martins (2008), “nas décadas de 1950 e 1960 houve o fechamento de grandes em- presas instaladas em Rio Grande, e por consequê- cia houve significativo aumento do desemprego”. Para tentar reverter a difícil situação econômica que vivia o município, uma das alternativas en- contradas foi a criação de cursos superiores, pois não havia, até então, nenhuma instituição que ofe- recesse curso de graduação.

Para Magalhães (1997), “as tratativas co- meçaram de forma efetiva, com as reuniões no tradicional Café Santos, onde profissionais com graduação de nível superior, conversavam sobre a possibilidade de instalação de uma Escola de Engenharia” e, sob a liderança de Cícero Marques Vassão, procuraram o engenheiro Francisco Mar- tins Bastos⁵ para contribuir na luta por um curso de Engenharia Industrial. No rastro da criação da Escola de Engenharia Industrial, surgiram neces- sidades de ampliar a luta em busca de outras insti- tuições de ensino superior.

Nesta esteira, e ainda pensando em rever- ter à situação de estagnação econômica, surgiu a ideia de instituir a FCPE para formar cidadãos com conhecimento econômico, capaz de fomen- tar a criação de novos empreendimentos e até alavancar o crescimento dos estabelecimentos existentes.

Por exigência do Ministério da Educação, havia necessidade de ser instituída entidade man- tenedora da instituição de ensino superior e isto já existia, a Fundação Cidade do Rio Grande. No entanto, segundo Caetano e Weiduschadt (2014), quem realmente impulsionou a instalação da FCPE foi a Prefeitura Municipal de Rio Grande, e o que, conforme Silveira (2012), “realmente vin- gou, foi o curso de Ciências Econômicas”.

A Lei Municipal nº 875 criou a FCPE do Rio Grande (RIO GRANDE, 1955). No 2º artigo da referida Lei consta que a Faculdade funcionaria a partir do ano de 1956, mediante a previsão de dotações próprias nos orçamentos anuais. O pre- sidente da República, Juscelino Kubitschek, assi-

⁵ Em trabalho de Teixeira (2013) foi discutido o pap- el de Bastos, considerado como o tipo de ideal empreendedor.

nou em 14/04/1958 o Decreto Federal nº 43.563 (BRASIL, 1958) que concedeu autorização para o funcionamento do curso de Ciências Econômicas da FCPE do Rio Grande, mantido pela Prefeitura Municipal. O município pretendia que o curso começasse a funcionar em 1956, mas como a autorização para funcionamento somente aconteceu em abril de 1958, as aulas iniciaram em março de 1959.

Na assembleia de instalação, pelos dados constantes na ata, podemos verificar que o evento foi de tal magnitude que se fizeram presentes as principais autoridades constituídas do município, destacando-se representantes dos poderes executivo, legislativo municipal e estadual, judiciário, forças armadas, policiais, entre outros.

No discurso de abertura da reunião, o prefeito municipal enfatizara que, destacando, obviamente a participação do poder executivo municipal, numa iniciativa do poder público abriria as portas da formação na área da economia, acreditando ser útil e oportuno, pensando na aplicação dos conhecimentos no progresso e engrandecimento da cidade. No entanto, há que se ressaltar que essa iniciativa partiu de personalidades da sociedade local e foi acolhida pelo poder público. Pode-se dizer que a ideia empreendedora fora dos profissionais engenheiros, químicos e de outras áreas que realmente iniciaram o movimento que obteve sucesso com o imprescindível apoio do executivo municipal.

O professor Eurípedes Falcão Vieira⁶, quando entrevistado, afirmou que as atividades começaram com instalações pouco adequadas. O sucesso do trabalho resultou do esforço da direção, professores e servidores. Mas, a partir de 1964, com a aquisição do prédio da rua Luiz Loréa, 261, a qualidade das instalações melhorou significativamente, pois como era próprio, puderam fazer as adaptações necessárias para a realização de trabalho de melhor qualidade pelos professores e melhor aproveitamento pelos alunos.

Os primeiros professores foram nomeados através do Decreto nº 1.803 de 11/08/1958, nos termos do artigo 110 do Regimento Interno da FCPE, que fora baixado com o Decreto nº 1.448 de 04/11/1955 (RIO GRANDE, 1955; 1958). No Decreto nº 1.803, o prefeito Álvaro Ribeiro Pereira dá provimento às cadeiras previstas e nomeia os professores como catedráticos interinos.

Esses professores, em sua maioria, eram pro-

⁶ Dados obtidos por informação escrita com Eurípedes Falcão Vieira, Porto Alegre, maio de 2015.

fissionais de outras áreas, empregados de banco, empresas, militar do exército e formados em economia, que davam aulas. Ainda conforme o entrevistado, Eurípedes Falcão Vieira, eram pessoas com experiência no mercado de trabalho, em sua área de atuação. Entendemos, então, que os convidados eram recrutados dentro de um grupo seleto de pessoas na sociedade rio-grandina e a razão de serem convidados se devia ao fato de não haver profissionais docentes para fazer funcionar as primeiras instituições de ensino superior no município. Apenas em Pelotas, cidade vizinha, havia curso de Economia e, na época, possivelmente a remuneração dos docentes não era atrativa, sendo assim, restava convidar os economistas que já estavam absorvidos pelo mercado local de trabalho e desejavam, talvez, algum destaque que o *status* de professor pudesse dar naqueles tempos idos.

Portanto, eram profissionais que não docentes de carreira, o que é perfeitamente aceitável, haja vista que no primeiro decênio da segunda metade do século XX, com a instalação dos primeiros cursos de nível superior, não havia pessoal com a qualificação acadêmica que atualmente é exigida pelas IES.

Com base no estatuído pelo Regimento Interno que foi baixado pelo Decreto nº 1.448 de 04/11/1955, foram nomeados através do Decreto Municipal nº 1.803 de 11/08/1958, os professores para os primeiros anos da FCPE, ficando assim, alguns questionamentos: quem construiu o Regimento Interno que foi baixado por Decreto em 1955? Qual teria sido o processo para escolha dos profissionais arrolados no Decreto nº 1.803 para serem os primeiros professores da FCPE? Como foi a escolha do profissional para dirigir a FCPE, empossado durante a reunião de instalação em 26/08/1958, muito embora, tenha sido nomeado antes, conforme notícia do jornal Rio Grande, na edição de 10/07/1957.

Na análise dos documentos encontrados no Arquivo Geral da FURG, localizamos, nos Boletins de Estatística da época, o quadro de professores em cada um dos anos do funcionamento da FCPE. A Tabela 1 apresenta os dados em relação ao número de docentes.

O quadro de servidores era reduzido porque a Prefeitura não tinha orçamento para mais e as pessoas disponíveis para o trabalho eram cedidas pelo executivo municipal, apenas o suficiente para permitir o funcionamento da Instituição.

Para ingresso no curso de Economia da FCPE do Rio Grande, era necessário que o candi-

Tabela 1 – Quadro de professores por ano.

Ano	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
Quantidade	5	10	12	16	21	22	23	23	26	21	21

Fonte: FCPE - Boletins de Estatística.

dato prestasse provas escrita e oral de Português, Matemática, Geografia Econômica do Brasil e História do Brasil, isto para o ano de 1959.

A Tabela 2 mostra que o quadro discente era reduzido nos primeiros anos e somente após o reconhecimento do curso, no ano de 1966, é que teve maior afluência dos pretendentes a graduação em Economia.

Com relação à evasão, não encontramos evidências do motivo das desistências, mas considerando informações obtidas durante entrevistas com ex-alunos, podemos inferir que se deve à dificuldade encontrada pelos acadêmicos com as disciplinas que exigiam o conhecimento de Matemática.

A Tabela 3 mostra que o número de bacharéis era muito reduzido, possivelmente pela evasão que se fazia sentir em maior número do primeiro para o segundo ano do curso, possivelmente ocasionado pelas dificuldades encontradas durante as aulas de Matemática.

Tabela 3 – Formandos por ano.

Ano	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
Bacharéis	15	3	7	1	13	11	8	5

Fonte: NUME – Relatórios.

O entrevistado, Carlos Henrique Canary⁷, lembra que naquela época havia o vestibular e que os veteranos submetiam os novatos ao castigo. Segundo ele, os acadêmicos se organizavam para fazer uma passeata, que ficou conhecida na cidade como a *Passeata dos Bichos*, e para isso, os estudantes se preparavam no interior na faculdade e faziam cartazes, criticando a política e fazendo piadas, mas, para sair às ruas no dia da passeata, antes teriam que passar pelo crivo da polícia federal, que censurava ou não os conteúdos que pretendiam apresentar durante o desfile. Ainda, informou que os acadêmicos eram guerreiros no sentido de lutar por aquilo que entendiam ser melhor para o curso e, entre outras coisas, afirmou que se o professor não era bom se fazia um movimento para trocar o docente, caracterizando que não permaneciam omissos e que reivindicavam o que fosse necessário para melhorar o curso. Relatou também que quando sentiram a necessi-

⁷ Dados obtidos em entrevista com Carlos Henrique Canary, em 09/03/2015.

Tabela 2 – Alunos matriculados por ano.

Ano	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
1959	12	-	-	-
1960	4	15	-	-
1961	9	6	17	-
1962	6	9	4	16
1963	39	4	7	3
1964	20	16	1	7
1965	18	22	16	1
1966*	40	9	14	14
1967	48	22	7	11
1968	57	31	7	8
1969	80	31	18	5
1970	63	58	28	16

* Ano de reconhecimento do curso.

Fonte: NUME – Relatórios.

dade de trocar um dos professores, fizeram tanta pressão, que o próprio docente resolveu afastar-se do curso, o que evidenciava que mantinham uma organização coletiva para reivindicar o que entendiam de direito.

Blasco Torres⁸, outro entrevistado, afirmou que quando presidente do Diretório Acadêmico (DA), teve envolvimento direto com a reivindicação para aquisição do prédio próprio para funcionamento da faculdade, requerendo à Prefeitura, com os colegas de curso, a compra do prédio sito à rua Luiz Lórea. Lembrou que tiveram de atuar de forma a convencer a Câmara de Vereadores a aprovar a transação, efetuada com a utilização de brisoletas⁹. O referido prédio foi utilizado pela FCPE e ainda hoje pertence à FURG.

⁸ Dados obtidos em entrevista com Blasco Ibañez C. Torres, em 16/06/2015.

⁹ Brisoletas, as inovadoras Letras do Tesouro Estadual, que viabilizaram grande número de investimentos sociais. Disponível em: <www.pdt-rj.org.br/paginaindividual.asp?id=112>. Acesso em: 1 nov. 2015

Este entrevistado se referiu, também, à luta pelo reconhecimento do curso, lembrando que já havia turmas de alunos com o curso concluído e não eram portadores do diploma que lhes conferia o título de economista e, tomando providências por conta própria, procurou o engenheiro Francisco Martins Bastos, presidente da Fundação Cidade do Rio Grande, que patrocinou sua ida ao Rio de Janeiro para tratar do assunto junto ao Ministério da Educação e Cultura (MEC). Quando o entrevistado se referiu à *Passeata dos Bichos*, como presidente do DA, informou que acompanhava o pessoal do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS)¹⁰ na análise dos cartazes antes da realização do evento. Era de praxe, segundo ele, confeccionar cartazes com mensagens que permitissem duplo sentido para tentar evitar a destruição pelos censores. Segundo ele, não tinham como objetivo o enfrentamento à autoridades ou governo, pois eram acadêmicos voltados para o estudo e suas atividades profissionais no mercado de trabalho. Em nosso entendimento, talvez, apenas quisessem divertir-se e mostrar que eram capazes para, de forma inteligente, transmitir suas mensagens sem entrar em atrito com os censores da polícia.

Nos anos de exceção, que começaram em março de 1964, sistematicamente, os órgãos de repressão coíbiam as manifestações desfavoráveis ao governo e, para burlar a ação de censores, os estudantes utilizavam artifícios para que suas mensagens chegassem à população, tentando evitar a destruição de cartazes que seriam apresentados, na maioria das vezes, em passeatas.

Vimos que houve destacada atuação do quadro discente da FCPE, participando de atividades sociais e da vida da Faculdade de Economia, mostrando desde cedo que, mesmo sendo trabalhadores, ali se formavam lideranças que mais tarde mostrariam o quanto foi importante ter vivido aqueles anos dentro da academia de economia.

Ainda sobre o reconhecimento do curso, na reunião da Congregação de 27/06/1965, na ata nº 44, o Diretor, professor Aldo Lapolli, falou de sua viagem ao Rio de Janeiro, conforme previsto na ata nº 43, tratando do processo de reconhecimento do curso de Economia e que esteve em contato com o professor doutor Manoel Orlando Ferreira¹¹, a quem competia dar o parecer sobre o reco-

nhecimento. O professor Aldo falou que o parecerista pretendia manifestar-se contrariamente, baseando-se no fato de que em Rio Grande não havia mercado de trabalho para economistas e que existia escassa possibilidade para constituir um corpo docente com os mínimos requisitos.

No entanto, contra argumentando, o Diretor frisou que em processos anteriores, o Conselho Federal de Educação opinara favoravelmente ao reconhecimento e funcionamento de cursos em regiões menos desenvolvidas, e que os professores, que já tinham sido aceitos pelo ex-Conselho Nacional de Educação eram considerados aprovados, conforme se podia ver em publicações e documentos. Diante da apresentação desses argumentos, o professor Manoel Orlando Ferreira, solicitou que a Faculdade se dirigisse ao senhor Diretor de Ensino Superior explicando tal fato, e falou ainda, que não desejava de modo algum prejudicar a comunidade rio-grandina, considerando que a Faculdade estava integrada na consciência de seu povo.

Sugeriu que se fizesse uma reforma no currículo, objetivando a especialização para administradores de empresas, o que, certamente, encontraria fácil e imediato campo de ação para os bacharéis. O professor Manoel Orlando Ferreira apresentou, como exemplo, a Faculdade de Uberaba, no Triângulo Mineiro, que foi adaptada a esse novo currículo.

O citado professor prometeu interessar-se pelo caso, estudar o processo e opinar de modo a não criar entraves. A dicotomia e paradoxos na composição dos cursos de Economia em ter mais caráter teórico-conceitual ou mais técnico foi recorrente no país, como apareceu na questão levantada acima por Manoel Ferreira. Ao compreender estas diferenças buscamos em Pereira (1979) conteúdo para comparar o objetivo dos cursos de economia e de administração de empresas, de acordo com ele, “a economia tem como objetivo a produção, a circulação e a distribuição de bens e, como princípio de coordenação, o mercado e a concorrência”. Ainda segundo Pereira (1979), “a administração está associada ao capitalismo monopolista e ao controle da produção pelas organizações burocráticas e também tem como objetivo a produção, circulação e distribuição de bens, mas no nível de cada empresa”. Neste sentido, a Economia se torna um conhecimento bem mais aprofundado que a administração, mas em termos de praticidade as políticas governamentais parecem ter reforçado o caráter técnico no período.

¹⁰ Disponível em: <www.falandodehistoria.com.br/paginasespeciais/arquivos-ditadura/dops.htm>. Acesso em: 1 nov. 2015.

¹¹ Diretor do Departamento Econômico do Conselho Nacional de Economia.

Conforme Dantas (1967), em relação à proposta para alteração curricular, sugerida pelo Diretor de Ensino Superior do Conselho Nacional de Economia, devia estar embasada na mudança da grade de disciplinas ocorrida no ano de 1962, quando se privilegiou as matérias de caráter técnico em detrimento das matérias que enfocavam a questão do subdesenvolvimento e a problemática brasileira. Por isso, a pressão em caracterizar o curso de Economia de forma mais técnica.

Nesta histórica reunião da congregação de professores, foi então aprovada a nova grade curricular do curso de Economia, por sugestão no professor encarregado de analisar o processo de reconhecimento do curso da FCPE. Com a nova grade curricular pretendia-se tornar o curso de Economia direcionado a atender as exigências do mercado, atendendo as necessidades das empresas estabelecidas, com egressos melhor preparados para as atividades ligadas aos empreendimentos existentes, não deixando de enfatizar, também, a necessidade do perfeito domínio da teoria econômica. Este redirecionamento mostrou a presença, como disse Weber (1980, p. 157), do capitalismo racional, levando em conta as possibilidades do mercado. Neste sentido, a FCPE buscou favorecer a formação de uma classe burocrática no município de Rio Grande para atender a indústria e o comércio. Estas atividades eram estimuladas no contexto pela necessidade de empreendimentos relacionados à organização portuária e às indústrias que ainda tentavam se manter. Assim a organização da FCPE foi permeada pelos interesses locais que visavam um progresso do desenvolvimento econômico da época. A grade curricular, portanto, buscava valorizar a parte técnica-administrativa do curso, ofertando disciplinas que atendessem às necessidades do mercado.

Sobre os eventos de conclusão de curso, tratamos das formaturas dos egressos, destacando que o ato de formatura é um ritual extremamente valorizado, carregando significados e representações, e tratando-se do ensino superior, como afirma Werle (2005), “ela é carregada de maior ‘pompa’, significados e representações”.

Nas solenidades de colação de grau do curso de Economia da FCPE, procurava-se fazer que o evento permitisse a máxima visibilidade possível e, uma das formas de dar esse destaque, era através de convites a pessoas ocupantes de cargos de expressivo reconhecimento. Na formatura dos egressos de 1962, foi convidado para paraninfo o doutor Leocádio de Almeida Antunes, presidente

do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE). Em 1966, os agraciados foram o diretor do Banco Central, Ary Burguer, como paraninfo, o General Armando Cattani, Interventor Federal em Rio Grande e o deputado Tarso de Moraes Dutra, ocupante do cargo de Ministro da Educação e Cultura, como homenageados de honra. Assim, ficava claro que sentiam a necessidade de dar maior visibilidade à FCPE entre as outras IES já estabelecidas em Rio Grande.

A partir das entrevistas, os relatos deixaram claro que os alunos realmente se envolveram com os assuntos da instituição e que suas atuações extrapolava o meio acadêmico, principalmente na luta pelo reconhecimento do curso de Economia da FCPE. Portanto, ainda quando os estudantes frequentavam os bancos universitários, a transformação já começava a acontecer na batalha pelo que lhes seria útil particularmente e, por consequência, vantajoso para a comunidade da qual faziam parte. Além dos aspectos formais do ensino, essa juventude, que tinha o privilégio de frequentar um curso de ensino superior, portanto, podendo ser considerada elitizada àquela época, passou a se envolver em práticas sociais que os tornavam valorizados na cidade.

A FCPE contribuiu para mudar o visual da cidade, não foram apenas prédios e instalações, mas como disse Pesavento (2007), “atores, práticas de interação, ritos e festas promovidos pelas partes diretamente envolvidas, transformaram a cidade”. E isto não foi apenas quanto ao aspecto social, o econômico também foi alterado com as necessidades criadas aos estudantes e também para o funcionamento das instituições, modificando a demanda por produtos e serviços até então existente.

Nos anos do recorte temporal deste trabalho, o “sensível” da cidade foi movimentado de diversas formas, modificando-se, transformando-se através das festas, dos comportamentos e das práticas sociais.

4 CONTRIBUIÇÕES PARA A ALTERAÇÃO DO COTIDIANO LOCAL

Como já comentamos, segundo Silveira (2012), “as décadas de 1950 e 1960 foram emblemáticas do ponto de vista econômico, pois ocorre uma decadência fabril, com o fechamento de várias empresas de relevante significado no município”.

Com o curso da EEI esperava-se formar técnicos para suprir as necessidades da atividade industrial, na época com destaque para a Ipiranga S.A. Refinaria de Petróleo que, mesmo em período de desaceleração econômica, foi uma das principais fontes de ocupação dos cidadãos rio-grandinos.

Surgiu então, a necessidade de formar cidadãos com o conhecimento do pensamento econômico para fomentar a criação de novos empreendimentos e, até mesmo, alavancar o crescimento das unidades econômicas já estabelecidas e assim surgiu a FCPE.

Iniciadas as atividades do curso de Economia, com as instalações de terceiros e o quadro docente oriundo do mercado de trabalho, portanto, com as práticas em atividades profissionais dando suporte ao trabalho do magistério, e talvez com prejuízo dos aspectos pedagógicos, mesmo assim, já nos primeiros momentos, apareceram oportunidades de mostrar porque estavam estabelecidos.

Na reunião da Congregação de Professores, de 22/01/1960, o Diretor solicitou a um professor que representasse a FCPE em reunião da Câmara de Vereadores para a constituição de uma comissão geral para tratar de três assuntos: o Desenvolvimento Industrial de Rio Grande; Energia e Agricultura e Pecuária; e que caberia a faculdade participar do grupo que trataria do desenvolvimento industrial.

Em outra reunião da Congregação, o Diretor Aldo Lapolli informou sobre a ida ao Rio de Janeiro para tratar, junto ao MEC, da criação dos cursos Técnicos de Administração e do Ginásio Comercial e verificar o andamento do expediente para a compra de um terreno para a futura instalação de um Centro Universitário. Nesta mesma reunião, foi solicitado um voto de louvor aos professores Roberto Coimbra Edon e Edison de Souza Mendonça que tão bem se houveram por ocasião do 1º Seminário de Desenvolvimento da Comunidade nos papéis de conferencista e debatedor, respectivamente.

Na assembleia de 11/04/1967, a Congregação deliberou aprovando pedido de colaboração oriundo do Interventor Federal em Rio Grande, com sugestões para o Grupo Parlamentar Municipalista da Câmara Federal na elaboração de leis complementares, artigos 16, parágrafo 10 da nova constituição.

Estes dados qualitativos dão mostra do quão importante foi à instalação do curso de Economia da FCPE para o município de Rio Grande. Esses

elementos, por serem qualitativos, segundo Dias (s/d), caracterizam-se pela ausência de medidas numéricas e análises estatísticas, examinando aspectos mais profundos e subjetivos do tema em estudo. Portanto, estas referências evidenciam que, desde os primeiros anos, foi possível a contribuição da instituição em círculos que trataram de assuntos pertinentes ao desenvolvimento econômico do município.

Cabe destacar, também, que mesmo nos tempos duros da ditadura, a faculdade contribuiu, via interventor municipal, com sugestões sobre temas que seriam assunto de leis complementares, o que enfatiza sua importância na comunidade rio-grandina.

A partir das lembranças das narrativas, há uma convergência em apontar os cursos superiores como propulsores de visibilidade do contexto rio-grandino e da mudança de vida dos participantes da instituição.

A FCPE representou um importante avanço no ensino superior em Rio Grande, permitindo que uma nova geração de economistas se formasse, contribuindo para a qualificação de profissionais na área específica. Foi mais uma unidade acadêmica que viria a se somar às outras, formando progressivamente um contexto acadêmico, ampliando a capacidade cognitiva do conhecimento e a qualificação das atividades profissionais. Reforça-se que à época o país vivia a era dos Planos de Desenvolvimento, iniciados no governo Vargas com o Plano Nacional de Desenvolvimento da Infraestrutura Econômica, o Plano de Metas do governo Juscelino e o Plano Trienal elaborado pelo economista Celso Furtado para o governo Goulart, que não chegou a ser implantado¹². As discussões acadêmicas eram intensas, das quais participavam, particularmente, os estudantes de economia. Em Rio Grande, formava-se uma consciência da importância dos assuntos econômicos e da relevância da formação acadêmica de profissionais em ciências econômicas. Sendo essa uma das grandes contribuições da FCPE no cenário do pensamento econômico em Rio Grande.

Essa relevância da formação acadêmica em ciências econômicas, começou a mostrar resultados já nos primeiros anos da FCPE, corroborando o que disse o entrevistado Eurípedes F. Vieira Meirelles ao afirmar que “o sonho de uma universidade em Rio Grande surgiu em 1959, entre os alunos da primeira turma do curso de Economia

¹² Eurípedes Falcão Vieira, entrevista realizada em maio de 2015.

da FCPE, que lideraram o movimento pró-criação da Universidade do Litoral”.

Estes acontecimentos evidenciam as ações desenvolvidas no âmbito da FCPE e mostram o desprendimento, na tomada de decisão de professores e alunos na conquista dos objetivos em que todas as partes envolvidas e a comunidade obtiveram feitos de grande valor. Vemos que diversos agentes, docentes e discentes, tinham a ideia de ação, que conforme Martes (2000), “mediada por interesses inerentes ao conceito de empreendedor”.

Na perspectiva weberiana, dos participantes nos eventos relacionados à criação e continuidade da FCPE, estão as forças motivadoras, que na busca de realização de seus próprios interesses, ou seja, o crescimento, o reconhecimento e contribuição para criação de um centro universitário, fazem parte do que se pode chamar, conforme Weber (2001), “desenvolver o espírito do capitalismo”. E, o desenvolvimento desse espírito, fez com que a instituição crescesse, trabalhasse pela sua manutenção e paralelamente, batalhasse pela implantação de uma Universidade, a do Litoral, que depois de alguns anos se concretizou com a instalação da Fundação Universidade do Rio Grande - FURG no ano de 1969.

5 CONCLUSÕES

A FCPE nasceu com a incumbência de formar a elite do pensamento econômico na cidade e, assim, trabalhar para amenizar as dificuldades vividas naquela década com a aplicação de novos conhecimentos, melhorando o desempenho e provocando o crescimento das unidades estabelecidas. Como vimos, foram muitas as atividades em que a direção, os docentes e os discentes se envolveram com a comunidade, participando ativamente de eventos em que o conhecimento intelectual deveria estar presente. Destacamos eventos sobre o desenvolvimento econômico local, participação com sugestões para o processo de criação de leis complementares na Câmara Federal, isto no auge do regime militar. Os discentes divulgando textos para os jornais da cidade, também provocaram uma alteração no cotidiano da cidade.

Com o quadro discente oriundo, principalmente, de jovens vinculados ao mercado de trabalho, em instituições financeiras, serviço público, comércio e indústria, ao conquistarem a almejada graduação, tiveram suas vidas modificadas,

pois começaram a contribuir com a participação em atividades econômicas de nível mais elevado. Conforme a palavra dos entrevistados, todos começaram a viver uma situação econômica destacada na comunidade. Alguns conquistaram cargos eletivos importantes, outros com atividade de destaque na iniciativa privada e muitos deles tornaram-se docentes no magistério superior, alcançando cargos elevados nas instituições em que trabalharam.

Estes dados, que não permitem ser medidos por quantidades, podem, como disse Dias (s/d), lidar com informações mais subjetivas, amplas e com maior riqueza de detalhes do que os métodos quantitativos, permitindo-nos ver o quanto foi importante para a comunidade rio-grandina, a capacidade de empreender que tiveram as autoridades locais para assumir a liderança na concretização da criação e instalação da FCPE. Esse empreender fez com que outros envolvidos, já nos primeiros anos do curso de economia, levassem a voz anunciando a intenção de trabalhar para ver Rio Grande com uma Universidade instalada. Não fossem essas iniciativas, nascidas dentro do curso de economia, lá pelos idos de 1960, teríamos hoje o parque universitário que hoje é ostentado com orgulho? É uma pergunta, que por si responde a importância da criação da FCPE nessa conquista.

Dessa forma, vemos a importância dessa instituição, que contribuiu para toda a comunidade rio-grandina conseguir ver a economia local superar as dificuldades da década de 1950 e hoje ser um dos municípios de maior Produto Interno Bruto (PIB), valor de todos os bens e serviços produzidos no município, no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- ATA nº 05 da Congregação os Professores da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio Grande, de 4 de outubro de 1961. In: *Livro de atas da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio Grande*. Acervo da Universidade Federal de Rio Grande.
- ATA nº 43 da Congregação os Professores da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio Grande. In: *Livro de atas da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio Grande*. Acervo da Universidade Federal de Rio Grande.
- ATA nº 44 da Congregação os Professores da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio Grande, de 27 de julho de 1965. In: *Livro de atas da Faculdade*

de Ciências Políticas e Econômicas do Rio Grande. Acervo da Universidade Federal de Rio Grande.

ATA nº 57-A da Congregação os Professores da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio Grande, de 11 de abril de 1967. In: *Livro de atas da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio Grande*. Acervo da Universidade Federal de Rio Grande.

BRASIL. *Decreto Federal nº 43.563, de 24 de agosto de 1958*. Concede autorização para funcionamento de curso.

CAETANO, A. C. *Faculdade de ciências políticas e econômicas do Rio Grande, RS: constituição e influências para o desenvolvimento do município (1955 a 1969)*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pelotas.

CAETANO, A. C.; WEIDUSCHADT, P. Pesquisa nos acervos de instituição superior: primeiras aproximações da cultura escolar da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio Grande. Congresso Ibero-americano de Humanidades. *Ciência e Educação: Perspectivas Contemporâneas*. Criciúma, 2014.

CATÁLOGO GERAL 2013. *Universidade Federal do Rio Grande – FURG*. Rio Grande: Editora e Gráfica da FURG, 2014.

DANTAS, J. A. M. Algumas Reflexões sobre o novo currículo dos cursos de Ciências Econômicas. *Educação e Filosofia*, v. 1, n. 2, p. 11-17, 1967.

DIAS, C. A. *Grupo Focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas*. Disponível em: <moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255610/mod_resource/content/0/Tecnicade_coleta_deDados.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2016.

FRAGO, A. V. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, n. 0, p. 63-82, 1995.

JORNAL RIO GRANDE, Edição nº 47, p. 2, 26 jan. 1960.

JULIA, D. La culture scolaire comme objet historique, paedagogica historica. *International journal of the history of education*, Suppl. Series, v. 1, coord. NÓVOAS, A.; DEPAEPE, M.; JOHANNINGMEIER, E. V., 1995, p. 353-382.

MAGALHÃES, M. O. *Engenharia, Rio Grande: história e algumas histórias*. Pelotas: Ed. Armazém Literário, 1997.

MARTES, A. C. B. Weber e Schumpeter. A ação econômica do empreendedor. *Revista de Economia Política*, v. 30, n. 2, p. 254-270, 2010. Disponível em: <www.rep.org.br/PDF/118-5.PDF>. Acesso em: 02 ago. 2014.

MARTINS, S. F. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)*. Rio Grande: Editora da Furg, 2008.

MEIHY, J. C. S. B. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

PEREIRA, L. C. B. Economia e administração: mercado e poder. *Rev. Adm. Emp.*, v. 19, n. 4, p. 39-43, 1979.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 53, 2007.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Proj. História*, v. 15, 1997.

RIO GRANDE. *Decreto Municipal nº 1448, de 04 de novembro de 1955*. Dá provimento as cadeiras da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas.

RIO GRANDE. *Lei Municipal n.º 875 de 22 de julho de 1955*. Cria a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas.

SILVEIRA, J. A. *Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande: os primeiros anos da formação docente no ensino superior da cidade (1960-1969)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pelotas.

TEIXEIRA, V. B. *Escola de Engenharia Industrial: a gênese do ensino superior na cidade do Rio Grande (1953-1961)*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pelotas.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2001.

WERLE, F. O. C. Ancorando quadros de formatura na história institucional. *28ª Reunião Anual da ANPED*, MG, 2005.

University of Political Science and Economics: Built and the contributions towards the Rio Grande City (RS)

ABSTRACT

This research aims to study historical aspects of Rio Grande's University of Political Science and Economics between 1959 and 1969. We discuss how it was established, built and the contributions towards the city in a period which the local economy was struggling. We seek to understand how the FCPE have contributed to the development of the city of Rio Grande. With investments in Pesavento (2007), we approach the changes in the urban plan of the city and the "sensitive" with the arrival of the colleges in this maritime city. Throughout the work it is possible to know details of the first facilities, the staff, servants and students; the form of entry, the subjects of the curriculum and course completion ceremonies. We also discuss the particularities of the struggle suffered by the course for recognition throughout the years. In detail, we talk about the school culture of the institution, their values, practices and how they instilled behaviors. Finally, we present qualitative data to understand how the institution has contributed to local development, thus meeting one of the purposes for which it was created. We highlight that the institution was important for the city and could be strengthened through the support of local leaders, represented by individuals who can be considered an "ideal type of entrepreneur" who managed to articulate in a national level resulting to the founding of the University of Rio Grande.

Keywords: History of education. Higher education. School culture. University of Political Science and Economics.

Data de recebimento: 07/06/2016

Data de aprovação: 06/10/2016

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*